

Carga tributária elevada e corrupção estimulam atividades na informalidade

A metodologia usada para medir a economia subterrânea brasileira no novo indicador da Fundação Getúlio Vargas (FGV) é a mais avançada no mundo para avaliar algo que não se vê, segundo o economista responsável pelo indicador, Fernando de Holanda Barbosa Filho.

O método leva em conta o que estimula a economia subterrânea e os rastros que ela deixa. Ele destaca que o projeto é ousado e não se restringe à avaliação da economia subterrânea como algo só ligado à informalidade do mercado de trabalho, mas à toda produção de bens e serviços da economia que sai fora do controle do Estado.

Durante um ano, Barbosa Filho testou as inúmeras variáveis que poderiam estimular a economia subterrânea. Concluiu que as mais significativas são a elevada carga tributária e a corrupção. "Dependendo da época, esses dois fatores se revezam entre o primeiro e o segundo lugar entre os mais importantes." O economista observa que a corrupção elevada é um fator que estimula a informalidade porque ela permite ludibriar os controles formais.

Ao contrário do que se supõe, o índice da FGV mostra que a rigidez do mercado de trabalho não é um fator que estimula o aumento da economia subterrânea. Já as exportações jogam contra a economia subterrânea por serem altamente burocratizadas.

Barbosa Filho considerou como reflexos da economia subterrânea para construir o índice a fatia dos trabalhadores informais em relação à população ocupada, descontada aquela sem carteira, e a participação do papel moeda em poder do público em relação aos depósitos à vista. Ambas as variáveis caminham na mesma direção da economia subterrânea, isto é, crescem quando ela cresce e diminuem quando ela diminui. O economista ressalta que a economia subterrânea usa basicamente dinheiro vivo nas transações. Por isso, as cédulas em poder do público são um importante indicador do desempenho da atividade.

O estudo da FGV não mede o tamanho da economia informal. O economista Friedrich Schneider, professor catedrático de Economia na Johannes Kepler University Linz, na Áustria, disse ao Estado que a economia subterrânea no Brasil pode flutuar entre 39% e 40% do PIB. Segundo o professor, o País está na média em relação aos demais países da América Latina. A FGV, o Instituto Etco e o IBGE acham a estimativa do professor exagerada. "Esse número é uma barbaridade", afirma o coordenador de Contas Nacionais do IBGE, Roberto Olinto. Ele diz que o PIB já incorpora quase a totalidade da economia informal.

Disponível em: <<http://www.etco.org.br>>. Acesso em 9 abr. 2008